

ESTUDO DA CRIANÇA PEQUENA COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS E SEU COMPORTAMENTO MUSICAL: O MÉTODO DE ANÁLISE

Joana Malta Gomes

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

PPGM – Mestrado – Música e Educação

SIMPOM: Subárea de Educação Musical

Resumo

Neste artigo procuro apresentar um método de análise qualitativa do comportamento da criança com necessidades educacionais especiais na aula de música. A atual proposta de educação inclusiva pretende que todas as crianças possam estar incluídas em turmas regulares do ensino básico, independente da sua condição física, econômica, social ou intelectual. Como ensinar música diante da diversidade? O que seria uma necessidade educacional especial na aula de música? Qual suporte teórico ou prático um professor de música necessita para dar conta da complexidade da educação inclusiva? Foi a partir da minha prática como professora de música de crianças com necessidades educacionais especiais que estas questões surgiram e me levaram a buscar, por meio desta pesquisa, teorias que possam explicar o comportamento dessas crianças e que possibilitem a proposição de estratégias para sua inclusão na aula de música. Esta pesquisa (ainda em andamento) conta uma seleção de cinco escolas de educação infantil situadas na cidade do Rio de Janeiro. Os dados estão sendo coletados por meio de questionários dirigidos à direção da escola; entrevistas semi-estruturadas aos professores de música e observação de suas aulas. O método de análise aqui proposto procura interpretar o comportamento da criança especial com o objetivo de entender quais as dificuldades de aprendizado que tal criança apresenta. O constructo comportamento é decomposto em quatro partes para análise dos dados a fim de evidenciar o comportamento musical da criança. As categorias são derivadas dos próprios dados e organizadas de acordo com os aspectos emocionais, motores, sociais e musicais do comportamento da criança. Tal análise pretende obter resultados que expliquem a complexidade do comportamento das crianças com necessidades educacionais especiais incluídas em turmas regulares na escola de educação infantil.

Palavras-chave: inclusão; aprendizado de música; análise qualitativa; educação infantil.

Introdução

Ensinar música para crianças pequenas sempre me pareceu um grande desafio. Como saber se estamos ensinando música ou apenas entretendo as crianças? E será que não é brincando que as crianças aprendem? De uma forma ou de outra, o ensino de música na escola de educação infantil apresenta algumas particularidades: primeiro porque as crianças pequenas são seres delicados em constante desenvolvimento; segundo, elas demandam muito mais do que apenas aprender música, pois algumas



I Simpósio Brasileiro de Pós-Graduandos em Música

XV Colóquio do Programa de Pós-Graduação em Música da UNIRIO

Rio de Janeiro, 8 a 10 de novembro de 2010

necessidades são sempre mais urgentes e essenciais, como sono, fome, ir ao banheiro (ou trocar a fralda), etc.; o terceiro diz respeito à contradição entre estimular a expressão artística da criança ao mesmo tempo em que é necessário dar limites às suas ações e condutas em favor do bem estar geral da turma.

Pretende-se que a criança cante, mas ela levanta, pula e dança; pretende-se que ela toque o pandeiro, mas não tão forte, a criança testa toda sua força no instrumento; se é previsto tocar um violão para que a criança aprecie sua sonoridade, ela também quer tocá-lo; como resistir a um objeto tão interessante? As crianças pequenas geralmente são espontâneas, cantam, fazem ruídos, pulam e dançam, tiram som de qualquer jeito de qualquer instrumento musical ou não, interpretam personagens, inventam histórias, adoram música e não gostam de barulho. Há crianças exibidas, surdas, tímidas, agitadas, sonolentas, sensíveis, cegas, interessadas, arredias, tagarelas, mudas, hipotônicas ou hipertônicas, que usam fralda e chupeta, manhosas, carinhosas, as que não aprendem a andar, falar ou usar o banheiro como se espera, enfim há crianças de todos os jeitos.

Diante dessa diversidade do alunado nas escolas impõe-se uma proposta de educação inclusiva que atenda todas as necessidades que as diferentes crianças possam apresentar. O objetivo da educação não se limita a fornecer conhecimento, visa também atender as necessidades das crianças que estão em desenvolvimento e precisam de suporte para tal. Cada criança é de um jeito, tendo ou não alguma necessidade educacional especial; o desenvolvimento infantil, por mais que possa apresentar um padrão ou se orientar por estágios, é particular a cada indivíduo, e o prognóstico se apresenta a cada dia.

O professor de música em uma escola de educação infantil tem papel ativo no desenvolvimento de seus alunos e não só no desenvolvimento musical. Nas aulas de música a criança tem que aprender a expressar e comunicar suas necessidades, a respeitar o outro, aprender os limites do espaço, dos materiais e do próprio corpo, aprender a lidar com seus desejos e prováveis frustrações e aprender a esperar. O professor de música na educação infantil tem que estar apto a perceber e compreender as necessidades de todos os seus alunos para alcançar seus objetivos pedagógicos.

A atual proposta de educação inclusiva pretende que todas as crianças possam estar incluídas em turmas regulares do ensino básico, independente da sua condição física, econômica, social ou intelectual. Todos devem ter as mesmas oportunidades de aprender e se desenvolver em todos os campos de conhecimento que a escola oferece. É neste contexto que professores de música devem refletir sobre o processo de inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais na aula de música.

Nem todas as crianças se desenvolvem como é esperado, mesmo em um ambiente adequado como o da educação infantil. Para as crianças que no decorrer da sua infância não seguem algumas

etapas do desenvolvimento como andar, falar, controlar os esfíncteres, entre outras, é preciso uma atenção especial. Estas crianças podem vir a apresentar necessidades educacionais especiais, pois sua relação com o ambiente não acontece como o esperado devido a limitações orgânicas que podem estar comprometendo seu desenvolvimento. Como Glat e Blanco (2009) explicam,

necessidade educacional especial não é uma característica homogênea fixa de um grupo etiológico também supostamente homogêneo, e sim uma condição individual e específica; em outras palavras, é a *demanda de um determinado aluno em relação a uma aprendizagem no contexto em que é vivida*. Dois alunos com o mesmo tipo e grau de deficiência podem requisitar diferentes adaptações de recursos didáticos e metodológicos. Da mesma forma um aluno que não tenha qualquer deficiência, pode, sob determinadas circunstâncias, apresentar dificuldades para aprendizagem escolar formal que demandem apoio especializado (GLAT e BLANCO, 2009, p. 26-27, grifos dos autores).

Se necessidade educacional especial é a *demanda de um determinado aluno em relação a uma aprendizagem no contexto em que é vivida*, quais serão as demandas que crianças com diversas deficiências podem apresentar na aula de música? Será que toda criança considerada como *especial* apresenta uma necessidade educacional especial no aprendizado de música?

A hipótese que orienta a minha pesquisa é de que *as crianças com alguma deficiência, seja de ordem física, sensorial ou mental, que apresentam necessidades educacionais especiais em certos aprendizados, como ler e escrever, não apresentarão, necessariamente, tais necessidades no aprendizado da música*.

Os objetivos desta pesquisa são: a) analisar o comportamento de crianças com necessidades especiais na aula de música sob os aspectos emocional, motor, social e musical; b) comparar as dificuldades e ou facilidades de cada criança especial no aprendizado de música em relação ao restante da turma; c) identificar relações entre o comportamento das crianças especiais e o contexto escolar; d) apontar possíveis caminhos para uma prática pedagógica inclusiva em música.

Vou procurar neste artigo fundamentar a metodologia e explicar o método de análise definido por mim, utilizando um dos dados coletados como exemplo. Entretanto ainda não será possível apresentar nenhum resultado, uma vez que a pesquisa ainda se encontra em processo de coleta de dados.

Metodologia

A pesquisa aqui relatada não trata de um experimento uma vez que as variáveis não podem ser controladas ou manipuladas (KERLINGER, 1980). Esta pesquisa não se propõe a fazer generalizações, uma vez que não há uma amostra representativa. Não posso considerá-la como

estudo de caso, pois não pretendo investigar “um fenômeno em profundidade” como define Yin (2010, p.39), ou mesmo realizar um “estudo exaustivo” de um caso específico como explica André (1995, p. 30). Neste sentido esses dois autores concordam que um estudo de caso se compromete com uma investigação em profundidade ou exaustiva para dar conta da complexidade de um fenômeno em especial. Mas para tal investigação seria preciso um tempo maior do que o disponibilizado para uma pesquisa de mestrado, além de evidências prévias de casos que justificassem uma investigação mais detalhada.

Sendo assim, esta pesquisa se propõe, em um primeiro momento, a levantar questões sobre o processo de ensino e aprendizagem de música na educação infantil em turmas com crianças com necessidades educacionais especiais incluídas. Não poderá traçar todo o processo de inclusão dessas crianças uma vez que a inclusão é um processo contínuo e em transformação. Entretanto, pode discutir as dificuldades apresentadas pelos professores de música neste processo. Pode relacionar variáveis do comportamento da criança com necessidades educacionais especiais, para uma melhor compreensão dos desafios para sua inclusão na aula de música. Pode, a partir dessas variáveis, identificar quais componentes do comportamento da criança que dificultam o aprendizado de música ou a prática pedagógica do professor em turmas inclusivas. E pode, por fim, identificar quais as *necessidades educacionais especiais* que a criança apresenta na aula de música.

Strauss e Corbin (2008) definem metodologia como “uma forma de pensar sobre a realidade social e de estudá-la” e método como “um conjunto de procedimentos e técnicas para coletar e analisar dados” (STRAUSS e CORBIN, 2008, p. 17). Minha pesquisa conta nesse momento com uma metodologia que procura não somente reunir dados por meio de um método pré-estabelecido, mas coletar todos os dados possíveis para abordar com o tema. Na medida em que a pesquisa se desenvolve, novas ferramentas podem fazer-se necessárias. Trata-se, pois, de uma pesquisa qualitativa que, até o momento, utiliza os seguintes instrumentos de coleta de dados: questionários sobre o perfil das escolas pesquisadas; entrevistas semi-estruturadas aos professores de música; observação das aulas de música das escolas que se disponibilizaram para tal e revisão bibliográfica sobre o tema.

Com o termo “pesquisa qualitativa” queremos dizer qualquer tipo de pesquisa que produza resultados não alcançados através de procedimentos estatísticos ou de outros meios de quantificação. Pode se referir à pesquisa sobre a vida das pessoas, experiências vividas, comportamentos, emoções e sentimentos, e também à pesquisa sobre funcionamento organizacional, movimentos sociais, fenômenos culturais e interação entre nações. Alguns dados podem ser quantificados como no caso do censo ou de informações históricas sobre pessoas ou objetos estudados, mas o grosso da análise é interpretativa (STRAUSS e CORBIN, 2008, p. 23).

Procurei delimitar o meu problema de pesquisa a partir da minha experiência como professora de música. A partir dela eu pude levantar questões de estudo que me levaram a decidir qual metodologia utilizar. Eu queria entender o comportamento das crianças e descobrir como seria possível promover uma aula realmente inclusiva. Em um primeiro momento, pensei ser possível observar minha própria prática, logo senti a necessidade de poder dialogar com outros profissionais sobre as minhas dificuldades no processo de inclusão da criança especial na aula de música. A minha experiência como professora foi meu ponto de partida, mas me faltava conhecer a experiência de outros professores para poder refletir se as questões que formulei seriam questões particulares ou gerais à prática pedagógica do professor de música da educação infantil diante da inclusão.

O universo dessa pesquisa compreende escolas particulares situadas na cidade do Rio de Janeiro. Para esta pesquisa selecionei cinco escolas situadas na zona sul da cidade. Os requisitos para sua escolha foram: a) ter uma proposta efetiva de educação inclusiva, ou seja, alunos com necessidades educacionais matriculados em turmas regulares; b) oferecer aulas de música com professores específicos para esta atividade e com um tempo significativo de experiência como professor de música na educação infantil; c) apresentar boa infra-estrutura de recursos humanos e físicos. O passo inicial para escolha das escolas foi a proximidade espacial (por tornar mais viável a coleta de dados. Selecionei escolas de educação infantil, escolas com todos os segmentos da educação básica e escolas reconhecidas por suas propostas de educação inclusiva (com experiência de longo tempo na inclusão de crianças de necessidades especiais).

As primeiras ferramentas de coleta de dados a serem utilizadas foram o questionário a ser preenchido pelo diretor da escola e a entrevista com os professores de música. Estas ferramentas me serviram como cartão de visita. O questionário visou coletar dados sobre o perfil da escola no que diz respeito a seus recursos humanos. A observação das crianças com necessidades educacionais especiais não foi uma ferramenta escolhida a priori, por depender da disponibilidade das escolas. Entretanto, após a realização das entrevistas, fui convidada por uma das escolas a observar as aulas, mas sem permissão para gravá-las. Das cinco escolas que participaram preenchendo questionários e permitindo a realização das entrevistas, duas já concederam autorização para observação. As três outras ainda estão em fase de negociação e agendamento da observação. Gostaria de sublinhar que a observação é a base da coleta de dados para esta pesquisa, sendo que os outros dados coletados ficam como informações complementares para a análise das observações.

Não há observação sem escolha ou sem alguma relação implícita ou não. A escolha é dirigida pelas relações que possam existir entre o objeto ou o acontecimento e nossa expectativa, em outras palavras, nosso desejo, nossa hipótese ou mesmo nossos simples hábitos mentais (WALLON, 2007b, p. 17).

Mas a observação é apenas um instrumento e não pode, por si só, garantir os resultados de uma pesquisa. É preciso saber o que exatamente observar e principalmente como interpretar. Como nos lembram Strauss e Corbin, “são nossos olhos analíticos que nos fazem ver, não importa quão imperfeita seja essa visão” (STRAUSS e CORBIN, 2008, p. 63).

A pergunta que permanece em meus pensamentos é sempre a mesma: será que essa criança realmente apresenta alguma dificuldade no aprendizado de música? Qual a dificuldade de sua inclusão na aula de música? Estas questões estarão presentes até o final da minha pesquisa (e provavelmente irão transcendê-la). São elas que me orientam e foram elas que me fizeram optar por esses instrumentos de coleta de dados. Também foram elas que me fizeram perceber que para analisar o aprendizado de música eu teria que primeiro decompor analiticamente o comportamento da criança especial para poder entender em que instância do seu comportamento encontra-se a dificuldade de aprendizado de música e conseqüentemente da inclusão.

Análise é a interação entre os pesquisadores e os dados. É ciência e arte. É ciência no sentido de manter um certo grau de rigor e por basear a análise em dados. A criatividade se manifesta na capacidade dos pesquisadores de competentemente nomear categorias, fazer perguntas estimulantes, fazer comparações e extrair um esquema inovador, integrado e realista, de massas de dados brutos desorganizados. Ao fazer pesquisa, lutamos por um equilíbrio entre ciência e criatividade (STRAUSS e CORBIN, 2008, p. 25-26).

Para a análise dos dados optei por decompor o constructo *comportamento* em quatro partes: *comportamento emocional*, *comportamento motor*, *comportamento social* e *comportamento musical*. Posso eleger para cada constructo derivado algumas variáveis a serem analisadas, ou seja, do constructo comportamento emocional, posso considerar toda reação da criança em nível emocional. Por exemplo, se a criança apresenta euforia ou cólera, isso se enquadra em comportamento emocional (WALLON, 2007a). Ainda posso classificar como um surto ou não, com ou sem agressão física. Se a criança deixou de participar da aula de música por causa de um descontrole de nível emocional, ainda não posso dizer que esta criança apresenta dificuldades no aprendizado de música. Sua dificuldade está na sua capacidade de aceitação do ambiente da aula de música ou mesmo de qualquer outro fator que naquele momento a esteja incomodando.

Quanto ao constructo comportamento motor, posso destacar variáveis relacionadas às habilidades motoras da criança. Por exemplo: a criança anda, fala, pula, segura um lápis, come com autonomia e de forma padrão? Neste caso o padrão será tomado pelo comportamento da maioria das crianças da turma, ou mesmo os padrões de desenvolvimento da literatura específica sobre o assunto (GESELL, 2002; WALLON, 2007a; WALLON, 2007b).

O constructo comportamento social contará com a análise das variáveis comunicação e interação. Comunicação no que diz respeito a conseguir expressar seus desejos e interesses aos outros e interação como a capacidade de estar em grupo, participando das mesmas atividades.

O constructo comportamento musical será justamente aquele que pretendo destacar. Se a necessidade especial que a criança apresenta diz respeito aos três constructos relacionados anteriormente, ainda não posso adiantar nada sobre a aprendizagem de música pela criança. Mas se todas as outras necessidades forem superadas e a criança tiver a chance de participar de uma atividade musical, aí sim, estaremos avaliando o comportamento musical dessa criança. E mais uma vez este comportamento será analisado em comparação com o comportamento musical das demais crianças da turma. As variáveis do comportamento musical serão categorizadas em função das atividades realizadas em aula e relacionadas com a literatura específica sobre desenvolvimento musical.

O que acabo de apresentar já é uma prévia da codificação que pretendo usar para análise dos dados. Entretanto,

análise *não* é um processo estruturado, estático ou rígido. Ao contrário, é um processo de fluxo livre e criativo, no qual analistas se movem rapidamente para frente e para trás entre tipos de codificação, usando técnicas e procedimentos analíticos livremente em resposta à tarefa analítica que tem em mãos (STRAUSS e CORBIN, 2008, p. 65).

Decompondo o comportamento da criança de forma analítica procuro destacar quais são as necessidades educacionais específicas em música que tal criança apresenta. Fazendo este diagnóstico acredito ser possível elaborar estratégias que atendam as necessidades dessas crianças e conseqüentemente propiciem sua inclusão na aula de música para que o processo de ensino e aprendizagem de música possa acontecer para todos.

É na observação do comportamento da criança especial na aula de música que se concentram a maior parte dos dados para a análise. Entretanto procuro descrever tudo que está ao meu alcance, incluindo comentários dos professores, alunos ou funcionários que tenham interferido na cena em observação. Não somente a criança especial está em observação, mas também o restante da turma,

uma vez que o comportamento das outras crianças serve como referência para a avaliação do comportamento da criança especial e também interfere nele. As cenas são descritas em diário e digitadas depois para posterior análise. Os dados coletados por meio de entrevistas e questionários serão relacionados com os dados das observações. A análise dos dados contará com uma categorização das situações descritas e sua incidência. Uma vez definidas as categorias procurarei estabelecer possíveis relações entre elas. Além da análise do comportamento das crianças esta pesquisa também conta com a análise de alguns documentos: o *Referencial Curricular para Educação Infantil* (BRASIL, 1998); a *Proposta de Educação Inclusiva*. Resolução CNE/ CEB Nº 2 de 11 de fevereiro de 2001; *Educação infantil: saberes e práticas da inclusão: introdução* (BRASIL, 2006).

Analisando uma cena: um exemplo de aplicação do método

Para ilustrar um pouco da experiência do professor de música diante do processo de inclusão da criança com necessidades educacionais especiais e exemplificar a aplicação do método de análise por mim proposto, vou utilizar o relato de um dos professores entrevistados sobre a chegada de um aluno com necessidades especiais, de dois anos de idade, à sua aula de música.

(...) percebi no dia que ele veio fazer adaptação (...) ele entrou há pouco tempo, acho que era a primeira semana de adaptação, tem bem pouco tempo (...) ele não sentava, ele corria o tempo inteiro, muito agitado (...) a auxiliar chamando e ele pouco atendia. Na integração com o grupo ele ficava um pouco separado, é normal em adaptação, mas como o trabalho com o instrumento sempre atrai as crianças...(sic) (Professor 1, licenciado em música, 12 anos de experiência como professor de música na educação infantil).

Percebe-se que o professor, já no primeiro momento notou algo de diferente no comportamento de seu novo aluno. Percebe-se também pelo discurso do professor que, pela sua experiência, ele soube distinguir que o comportamento do aluno não era apenas um comportamento característico de uma criança em adaptação (que acaba de ser matriculada na escola e precisa se adaptar ao novo ambiente e às novas pessoas). O curioso é que foi a relação da criança com o instrumento musical o que chamou a atenção do professor, que pareceu um pouco atônito com a situação.

tentei estimulá-lo com o instrumento, ele pegou o instrumento e continuou correndo. Ele não percebeu o que estava sendo feito a volta dele, e aquilo ali foi só um objeto na mão dele, ele não teve a curiosidade de manusear, descobrir..., porque geralmente eles tentam, eles tentam descobrir o material que tá ali, e ele continuou correndo com o material e ficou no canto e deixou o instrumento no lugar e assim a aula inteira, quer dizer, então cada vez que ele era chamado ele não respondia e muito agitado... (Professor 1).

Apenas para exemplificar o método proposto anteriormente, proponho uma análise da descrição acima. Segundo a percepção do professor entrevistado posso categorizar o comportamento de seu aluno sob pelo menos três aspectos: motor, social e emocional. É claro que nenhuma conclusão pode ser tirada a partir deste exemplo, pois foi apenas a primeira aula de música de um aluno em adaptação (ou seja, esta análise é apenas um exemplo especulativo). Mas ainda assim é possível exemplificar como aplicar o método de análise.

No primeiro trecho citado, o que se destaca é o comportamento motor e social da criança:

“ele não sentava, ele corria o tempo inteiro, muito agitado”

“a [professora] auxiliar chamando, e ele pouco atendia. Na integração com o grupo ele ficava um pouco separado, é normal em adaptação (...)”

O ato de sentar, correr ou mesmo estar agitado são atos motores (WALLON, 2007a). Na descrição do professor não aparece nenhuma referência à fala, choro ou mesmo risos, que corresponderiam ao comportamento emocional do aluno. Entretanto, a palavra agitação pode significar algum componente emocional na reação da criança, mas apenas pelo discurso do professor não é possível saber a que ele se refere quando usa a palavra *agitado*.

O professor continua a descrição e pelo seu discurso é possível perceber certa contrariedade quando ele diz: *“mas como o trabalho com o instrumento sempre atrai as crianças...”*. Apesar de o professor continuar a estimular seu aluno oferecendo-lhe o instrumento, *“aquilo ali foi só um objeto na mão dele, ele não teve a curiosidade de manusear, descobrir...”*, e então o professor conclui mostrando sua expectativa e certa experiência por afirmar o que *“geralmente”* as crianças fazem diante de um instrumento: *“porque geralmente eles tentam, eles tentam descobrir o material que tá ali”*.

Na relação com o instrumento musical, segundo a percepção do professor, o aluno não apresentou nenhum envolvimento com o fazer música; tratou o instrumento musical como um objeto qualquer, comportamento que o professor não considera usual, pois comenta que geralmente as crianças costumam tentar descobrir o material, o que eu interpreto como tentar descobrir para que serve, ou mesmo como funciona. Sobre o comportamento musical, pouco se pode dizer nesta análise, uma vez que a criança não correspondeu às expectativas do professor (sobre como uma criança costuma reagir a um instrumento musical).

A minha sensação enquanto entrevistadora e ouvinte desse relato foi a de que o professor não entendia como é possível uma criança de dois anos não se sensibilizar com os instrumentos musicais disponíveis na aula. Na verdade, ele entendia que alguma coisa não estava normal e seu diagnóstico estava feito. Não foi preciso nenhum diagnóstico formal sobre o tipo de deficiência ou

transtorno que este aluno apresentava para que esse professor de música percebesse que tinha um aluno com necessidades educacionais especiais em sua turma. Apesar de não ter nenhuma formação específica sobre deficiência ou necessidade especial, ele foi capaz de diagnosticar, pelo comportamento de seu aluno, que algo não correspondia à sua noção de como uma criança habitualmente reage à sua primeira aula de música.

Considerações finais

Este foi apenas um pequeno exemplo para mostrar como é possível analisar uma cena de aula de música que tem como personagem principal a criança com necessidades educacionais especiais.

O método de análise aqui proposto pretende dar conta da complexidade do comportamento da criança com necessidades especiais, para obter resultados que possam orientar a prática pedagógica do professor de música no processo de inclusão desses alunos. É importante enfatizar que o processo final de categorização do comportamento da criança só poderá ser definido ao final da coleta de dados, sejam eles coletados por meio de entrevista, questionário ou observação. Isto é, as categorias não podem ser colocadas a priori para não correr o risco de se supor categorias não observadas. As categorias são uma consequência dos fatos observados e descritos, uma forma de organizar e classificar o fenômeno em questão para melhor compreensão.

Referências bibliográficas

- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. *Etnografia da prática escolar*. Campinas, SP: Papirus, 1995.
- BRASIL. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Secretaria de Educação Fundamental. Vol. 3. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- _____. *Proposta de Educação Inclusiva*. Resolução CNE/ CEB Nº 2 de 11 de fevereiro de 2001. http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/lress2_01.htm
- _____. *Educação infantil: saberes e práticas da inclusão: introdução*. 4. ed. elaboração Marilda Moraes Garcia Bruno. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006.
- GESELL, Arnold. *Gesell e Amatruda diagnóstico do desenvolvimento: avaliação e tratamento do desenvolvimento neuropsicológico no lactente e na criança pequena, o normal e o patológico* Editores: Hilda Knobloch e Benjamin Passamanick. 3. Ed. São Paulo: Editora Atheneu, 2002.

GLAT, Rosana. e BLANCO, Leila de Macedo Varela. *Educação Especial no contexto de uma Educação Inclusiva*. In: GLAT, Rosana. (org.) *Educação Inclusiva: cultura e cotidiano escolar*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

KERLINGER, Fred Nichols. *Metodologia da pesquisa em ciências sociais: um tratamento conceitual*. São Paulo: EPU, 1980.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. *Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada*. 2. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

WALLON, Henri. *A criança turbulenta: estudo sobre os retardamentos e as anomalias do desenvolvimento motor e mental*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007a.

_____. *A evolução psicológica da criança*. São Paulo: Martins Fontes, 2007b.

YIN, Robert, K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 4ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

